

**RENATA PINHEIRO LOUREIRO**



**ENSINO DE ARTES VISUAIS: PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO URBANA**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2015

**RENATA PINHEIRO LOUREIRO**

**ENSINO DE ARTES VISUAIS: PRÁTICAS DE INTERVENÇÃO URBANA**

**Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Maurílio Andrade Rocha

Belo Horizonte  
Escola de Belas Artes da UFMG  
2015

Loureiro, Renata Pinheiro, 1984.  
Ensino de artes visuais: Práticas de intervenção urbana para  
Especialização em Ensino de Artes Visuais / Renata Pinheiro Loureiro. – 2015.  
62 f. 28

Orientador (a): Maurílio Andrade Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da  
Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como  
requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de  
Artes Visuais.



**Universidade Federal de Minas Gerais**  
**Escola de Belas Artes**  
**Programa de Pós-Graduação em Artes**  
**Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**

Monografia intitulada *Ensino de artes visuais: Práticas de intervenção urbana*, de autoria de Renata Pinheiro Loureiro, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Maurílio Andrade Rocha - Orientador

---

Profa. Dra. Mariana de Lima e Muniz

---

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha  
Coordenador do CEEAV

PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

*“De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas,  
mas a resposta que dá às nossas perguntas.”*

*Ítalo Calvino*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Escola de Belas Artes da UFMG, à especialização em Ensino de Artes Visuais, ao meu orientador Maurílio Andrade Rocha, ao coordenador tutores e colegas do curso. Agradeço à minha mãe Elenita e meu filho João por me apoiarem sempre. Agradeço à minha colega de curso Nancy Mora Castro por todo o incentivo.

## SUMÁRIO

Lista de imagens .....	08
Resumo.....	09
Introdução.....	10
Cap. 1- A importância da Arte Urbana.....	11
Cap.2- Estudo de caso: A produção de arte urbana.....	15
Cap.3 -Análise do estudo de caso: percepções.....	25
Considerações finais.....	29
Referências Bibliográficas .....	30



## Lista de imagens

Figura 1- Alunas "plantando" flores de papel em meio ao entulho de um lote vago próximo à escola.....	22
Figura 2- Alunas no processo de uma intervenção feita em um buraco no chão da rua da escola.....	23
Figura 3- Intervenção concluída, foi utilizada lã trançada no preenchimento do buraco na rua da escola.....	23
Figura 4 - Alunos no processo de pintura de uma intervenção de "luz" em um beco escuro em frente à escola.....	24
Figura 5- Aluno finalizando intervenção de pintura na parede de um beco em frente à escola.....	24
Figura 6 – Aluno finalizando intervenção feita com spray "completando" um vaso no muro da escola, onde já havia uma planta.....	25
Figura 7 - Aluno finalizando intervenção no muro da escola "completando" uma forma de óculos no muro da escola.....	26
Figura 8 - Alunos finalizando intervenção no muro da escola, um rato feito a partir de um quebrado na parede.....	26
Figura 9 - Alunas no processo de criação da intervenção feita na grade de um lote vago em frente à escola.....	27
Figura 10 - Intervenção com papel celofane em formatos de losangos concluída na grade em frente à escola.....	27
Figura 11 - Alunas no processo de criação da intervenção artística, foto contemplando a Vila São José.....	28

## Resumo

A arte pública se conceitua como obras de arte produzidas ou expostas em locais públicos. Belo Horizonte se insere no cenário de intervenções urbanas com a participação de grupos e artistas que possuem produção consistente, politizada e crítica. Além disso, existe um potencial pedagógico desse tipo de produção de aproximar o público do universo artístico em geral. No presente trabalho discuto práticas didático-pedagógico que desenvolvo com os educandos da rede pública de ensino envolvendo a arte urbana na cidade de Belo Horizonte - Minas Gerais. Tais práticas incluem estudos sobre as formas verbais e imagéticas de comunicação, assim como aspectos de transferência de informação, conexão entre realidades, com o objetivo de fazer emergir o diálogo crítico dos estudantes com as produções artísticas e com as teorias da arte. A partir deste trabalho foi possível perceber o desenvolvimento de condições da ampliação da compreensão da *arte urbana* por estudantes da rede pública de ensino.

## Introdução

A produção de arte pública na cidade de Belo Horizonte é densa e se insere no cenário de intervenção urbana global. Entende-se como intervenção urbana, ou arte pública o conceito de obra de arte produzida e/ou exposta em locais públicos e esta definição será tomada como base ao longo deste trabalho.

As intervenções urbanas são politizadas e possuem uma carga crítica intrínseca, razão pela qual estão inseridas no âmbito deste objeto de estudo, que teve início durante o trabalho final de graduação em Artes Plásticas, realizado na Universidade Estadual de Minas Gerais. Na ocasião fiz um paralelo entre a arte pública produzida em Belo Horizonte e o *Movimento Artístico Situacionista*, marcado pelo maio de 1968 na França. Para tanto realizou-se investigações sobre os artistas atuantes nesse cenário de arte pública de Belo Horizonte.

Tais experiências serviram para consolidar a hipótese de pesquisa de que o estudo e a valorização da arte produzida na cidade onde se vive aproxima o discente do universo artístico, ao propor a quebra do limite tradicional entre artista e espectador. Sendo assim, a quebra desse limite tradicionalista possibilita ao estudante a visão verticalizada no estudo da obra, iniciando com isso um novo processo de compreensão no qual se encurta a distância entre a obra e espectador, tornando o objeto de estudo vivenciável.

No presente trabalho relatarei algumas experiências como professora da rede pública de Belo Horizonte. Onde no primeiro capítulo apresentarei as principais referências teóricas que embasam o trabalho.

No segundo capítulo apresentarei o trabalho que desenvolvo com os educandos nas aulas regulares de Arte na Escola Estadual Ursulina de Andrade Melo, onde abordo a *arte urbana* como conteúdo.

No terceiro capítulo farei uma reflexão onde entrelaço as visões dos teóricos que abordam o tema da *arte urbana* ou da cidade, citados no capítulo 1 e a prática do ensino da arte urbana citado no capítulo 2 do presente trabalho.

## Capítulo 1- A importância da Arte Urbana

A arte é uma forma de criar relações com o mundo a partir de signos, dentro disso podemos predispor a *arte urbana* como uma prática social, pois suas obras permitem a utilização do espaço urbano como suporte, desenvolvendo em seus propósitos artísticos as questões sociais que as rodeiam, seus modos culturais e políticos. A autora Vera Pallamin, (2000) p.24 discorre sobre o assunto:

*“Estando no espaço público, a inscrição também pode ser compreendida como efêmera, porque pode ser apagada ou mesmo ignorada pelo público. Acima de tudo, a arte urbana é uma prática social. As obras permitem a apreensão de relações e modos diferenciais de apropriação do espaço urbano, envolvendo em propósitos estéticos, os significados sociais e um modo de tematização cultural e política.”*

Como a autora propõe, as intervenções urbanas não devem ser confundidas com intervenções urbanas planejadas por órgãos públicos ou administrações locais como, por exemplo, ações de revitalização das cidades. Pelo contrário, as intervenções urbanas são politizadas e possuem uma carga crítica intrínseca.

A hipótese da pesquisa seria que o estudo e a valorização da arte produzida na cidade onde se vive aproxima o discente do universo artístico, ao propor a quebra do limite tradicional entre artista e expectador. Sendo assim, com a mudança desse paradigma, possibilita-se ao estudante a visão sem obstáculos culturais no estudo da obra, iniciando com isso um novo processo de compreensão no qual se aproxima a obra e expectador.

Recorre-se a referências como a do Grupo Poro (Belo Horizonte), que contribui teoricamente para a pesquisa com a publicação “Intervalo, respiro, pequenos deslocamentos”, de 2011. O Grupo Poro busca apontar sutilezas e criar imagens poéticas. Faz instalações em contextos e lugares específicos, se apropria de meios de comunicação popular para realizar trabalhos e reivindica a cidade como espaço para a arte. A dinamização da cidade sintetiza o que Argan(2005) compreende como continuidade e desenvolvimento de cidade

histórica e cidade moderna. “A cidade antiga não deve se tornar obsoleta e estagnada, seus monumentos devem ser vistos como fatos artísticos, mesmo estando fora do museu, e assim, a cidade nova não se torna anti-histórica.” Argan, (2005) p. 101

Outra referência teórica se encontra nas ideias de Walter Benjamin que em seu artigo clássico "A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica" cita o fim da “aura” que na minha visão liberaria a arte para novas possibilidades, tornando o seu acesso mais democrático. Além disso, o autor reconhece o espaço público como lugar de convívio e campo ampliado para a articulação de proposições artísticas. O que enriquece a cidade e os fatos urbanos – tanto antigos, quanto novos – é a sua constante transformação. Ou seja, os diferentes tempos presentes em um mesmo núcleo urbano, o que demonstrará uma cultura em transformação.

O lugar físico e subjetivo da arte no momento contemporâneo é de localização difícil. Encontra-se arte nas embalagens de produtos, na publicidade, em interações virtuais e, talvez de forma mais pungente do que em tempos passados, nos espaços públicos – a chamada *Arte Pública*. Esta forma de manifestação artística é cada vez mais realizada e divulgada, e ganha grande destaque justamente pela mudança de paradigma: a de privilegiar a comunicação visual externa. Ressalta-se que essa mudança expõe justamente um ponto muito importante da arte que é sua necessidade de ser apresentada, o ponto de interação com o observador.

A cidade e seus símbolos, construções, patrimônios e âmbitos pode ser lida como um conjunto de processos que ocorrem simultaneamente e desordenadamente. Não é de se admirar, pois, que a arte pública tenha certo caráter repetitivo, exacerbado até, pois a obra “exposta” na rua disputa o espaço com todos os demais elementos urbanos, e não está sendo exibida somente àqueles que têm o olhar “treinado”, os iniciados em arte com seu olhar estático. A obra de arte pública pode até mesmo não existir, por não ser reconhecida. No movimento repetitivo, essa arte mimetiza o comportamento

do restante dos elementos urbanos. Ítalo Calvino p. 118 (1994) afirma que “a cidade é redundante: repete-se para fixar alguma coisa na mente (...) a memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir”.

A arte se transformou, se recriou? Teria mesmo partido das galerias para as ruas, utilizando a cidade como suporte? Dentro de uma perspectiva positiva para tais questões haveria então a necessidade da construção conjunta do conceito de efemeridade e outros, relativos às obras de *arte urbanas* através do seu estudo e observação em trabalho de campo.

Neste contexto propõe-se a inclusão do tema como objeto de estudo e crítica dos estudantes da rede pública de ensino de Belo Horizonte, especialmente por ser pertinente tratar do seu convívio com a arte na cidade e da cidade, tratar da arte pública nas instituições públicas. Os discentes carecem de uma “educação visual” tratada com seriedade, ao contrário do contexto atual dos programas de educação, que se encontram “esvaziados de atitudes críticas formadora de um olhar alienado da realidade” (Miranda, 2001, p.18).

A partir das considerações e pressupostos apresentados, o objetivo é realizar uma pesquisa sobre como o ensino da arte é importante, em específico da *arte urbana* realizada em Belo Horizonte e como ela pode ser utilizada como campo de estudos e assimilada pelos educandos da rede pública, tendo em vista a sua presença cotidiana aos conteúdos na cidade.

Devido a uma preocupação didático-pedagógica com o tema, se faz necessária a pesquisa de aspectos contextuais relevantes a serem investigados tais como: As limitações encontradas para discorrer do tema com os educandos; A preocupação com os conceitos artísticos da arte contemporânea; A semântica a ser utilizada no processo de transmissão de informações aos educandos; A preparação inicial necessária à compreensão desse estilo artístico que se insere no conceito de anti-arte. Levando-se em conta que a anti-arte quebra a relação passiva do espectador com a obra,

convidando-o e provocando sua participação direta no trabalho visto ou vivenciado.

*“A intervenção urbana ocorre de modo espontâneo, sem regras, de maneira aleatória e inesperada na paisagem urbana. Assim, passa a fazer parte do tecido da cidade e a transforma de forma contínua. Logo, é parte do cenário urbano e se interliga com as ruas, os prédios, as moradias, as praças, os muros e os monumentos. Integra o cotidiano da cidade, ao mesmo tempo em que conta a história de seus habitantes, por meio do poder simbólico da representação individual ou coletiva.”*  
Fontanella (2013) p.31.



## Capítulo 2 – Estudo de caso: A produção da arte urbana.

Desde 2012, como arte-educadora da E. E. Ursulina Andrade Melo situada em Belo Horizonte, desenvolvo um trabalho baseado na Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, com adaptações. O processo de ensino-aprendizagem se desenvolve onde a percepção singular e ímpar do aluno é trabalhada nas aulas de Artes Visuais, novos conhecimentos são introduzidos aos alunos, como os fundamentos da linguagem visual, a história da arte, a produção artística, oportunizando que os educandos ampliem seus conhecimentos e possam escolher, entre as várias possibilidades, como se expressar artisticamente. As atividades artísticas, quando realizadas de maneira significativa e cognitiva, ajudam os educandos a se expressarem, a desenvolverem o pensamento crítico e podem concorrer para o fortalecimento da identidade social e grupal.

Ao desenvolver com os estudantes a ideia de interferência/intervenção urbana, buscamos as motivações dos artistas que podem ser as mais diversas, pensando que de alguma forma todos os artistas tendem a dividir com os outros, sua forma de perceber o mundo. Ao se apresentar os trabalhos que são recortes de várias realidades criadas destes artistas, eles então passam a ser essa “ponte” que pretende mostrar alguns pontos de conflitos que existem em várias esferas, no campo político, ético, poético, ou mesmo na alimentação, na natureza. Ou ainda a vontade de compartilhar ideias bem-humoradas que rompem com a rotina dos transeuntes.

As intervenções se apresentam como uma forma de interromper o cotidiano, desconstruindo a rotina. E mostrar que todos os espaços podem ser utilizados de modo crítico ou poético, como o Grupo Poro de Belo Horizonte citam na página 38 de seu livro.

*“ A publicidade ocupa os espaços transformando o espaço público em espaço de consumo, transformando o cidadão em mero consumidor. Em contraposição a esta realidade, procuro provocar os alunos a pensar: por que não se pode ocupar esses mesmos espaços com interferências artísticas questionadoras? ”*

Os atos mais radicais de anti-publicidade são muito interessantes, pois, no mínimo, nos geram discussão sobre a questão do excesso de publicidade e as ações que visam se contrapor a esse excesso. Os estudantes passam a ter um olhar mais atento como público, sendo que em alguns momentos eles refletem que o trabalho é observado posteriormente, através dos registros que se existe, isso é interessante pois essas pessoas vão ter outras reações ao trabalho, diferentes daquelas que viram o mesmo na rua.

Durante as aulas incentivo os estudantes a fazerem também alguma forma de intervenção no cotidiano. Essa seria uma maneira de pensar que arte não é algo distante de nós, mas faz parte das manifestações humanas.

Ilustro a questão com algumas fotos de ações artísticas que foram realizadas por alunos da Escola Ursulina de Andrade Melo nos seus arredores em maio de 2015 em um projeto que foi desenvolvido em 4 aulas de 50 minutos com 12 alunos distintos, estes passaram por um processo de seleção que se deu durante as aulas expositivas sobre arte urbana no mês de abril de 2015 (em todas as turmas do ensino fundamental - 2 turno manhã, onde os alunos conheceram imagens de registros de arte urbana, retiradas da internet, de várias partes do mundo e ouviram meus relatos sobre os grupos e técnicas aplicadas nas intervenções urbanas. A partir dessa experiência visual os alunos fizeram projetos em duplas que seguiu a seguinte ordem: primeira aula – reconhecimento/ investigação do espaço no entorno da escola (alguns registraram com suas câmeras de celulares e fizeram anotações) tentando achar locais onde poderiam ser feitas as intervenções e como seriam feitas, segunda aula – as duplas planejaram a partir de seus registros, desenvolvendo um projeto escrito que contemplava qual seria o tipo de intervenção, onde seria feita, objetivos (mesmo que só estéticos) e material que seria utilizado. Após essa aula eu analisei e pontuei os trabalhos, e com essa pontuação foram selecionadas 6 duplas para realizarem seus projetos.

Na terceira aula eu reuni as 5 duplas e em uma ação grupal os projetos foram adequados após um reconhecimento visual das áreas que os alunos

selecionaram para produzir suas intervenções, foi preciso que alguns mudassem os materiais que haviam concebido para suas intervenções, de acordo com a disponibilidade dos materiais disponibilizados pela escola. Na intervenção do muro onde foi feita uma luz em um beco em frente à escola foi substituído a tinta em spray por tinta látex de parede e pó xadrez amarelo e preto para tonalizar a mesma.

Na quarta aula os alunos realizaram as intervenções artísticas, onde eu os acompanhei para realizar o registro fotográfico das ações.

A realização das intervenções urbanas

As obras não têm títulos, e algumas foram inspiradas em outras intervenções artísticas que foram apresentadas nas aulas expositivas.

As alunas Taís Rodrigues e Marília Silva do 6º ano (turma 601) planejaram fazer uma “plantação” de flores de papel de revista (técnica que havia sido ensinado a alguns meses atrás na aula de arte), elas indicaram no trabalho que o lote vago existente do outro lado da rua da escola, tornava a vista “feia” e elas queria mudar isso de alguma forma, inicialmente elas queria plantar flores reais no lote vago, expliquei que teriam complicações uma vez que o lote vago é de uso privado e mesmo com sua aparência de “abandono” a permanência delongada no mesmo poderia ser caracterizada como ocupação envolvendo problemas legais na questão, contudo eu indiquei o papel e que fossem produzidas pelas próprias, que foi bem aceito e concluído como pode ser comprovado nos registros à seguir.

As alunas Juliana Alves e Ana Flávia Ramos do 7º ano (turma 702) buscaram por buracos e rachaduras e em seu projeto inicial elas gostariam de preencher os buracos com tecidos trançados, que foi substituído por lã trançada de acordo com disponibilidade de material da escola. Durante alguns minutos elas prepararam grandes tranças coloridas de lã na biblioteca da escola e após essa confecção nós saímos para concluir a instalação das mesmas em

um buraco que elas haviam selecionado previamente que se localiza no centro da rua em frente à escola, onde estive presente para garantir a segurança das alunas e fazer o registro fotográfico, após a instalação a trança foi coberta por cola branca afim de delongar a intervenção artística por alguns minutos a mais para que os alunos pudessem visualizar ao fim do turno escolar, porém não obteve sucesso nessa questão da permanência, porém foi tema de uma aula extra sobre efemeridade das intervenções artísticas para que existisse a naturalização da questão.

Os alunos James Alves e Elder Silva na primeira aula saíram à busca de marcas ou buracos no muro já pré-existentes, para que fossem completados. Fizeram registros com seus celulares das marcas e em sala durante a segunda aula planejaram as ações a serem feitas, que foram três: um rato, dois olhos (que eram marcas pré-existentes no muro) e um vaso de planta (onde a planta já se encontrava no muro), para tal utilizaram spray preto e tinta guache preta para o preenchimento do rato. A ação durou 50 minutos e foi acompanhada por mim para que fosse realizado o registro fotográfico.

Os alunos Claudio Dias e Davi Ribeiro escolheram como local da intervenção urbana um pequeno beco que fica bem em frente à porta da escola, este sendo extremamente utilizado pelos mesmos em seus trajetos inclusive noturnos, gostariam de chamar atenção à falta de iluminação do beco, para isso o aluno Davi que é um desenhista nato fez um estudo em seu caderno de arte de vários tipos de spots de luz até concluir junto com minha consultoria que pelo fato do muro ter uma superfície irregular seria mais adequado o desenho mais simples e para representar um feixe de luz, o uso de tinta mais clara.

Na segunda aula os alunos foram equipados com 2 rolinhos de pintura, 2 pincéis, tinta de parede branca, pó xadrez amarelo e preto para tonalizar a tinta e fita crepe larga para demarcar o “feixe de luz”. Inicialmente o aluno Davi fez as marcações do spot de luz e depois os dois alunos pregaram as fitas e preencheram o feixe com tinta de parede branca tonalizada com pó xadrez

amarelo, para o spot foi utilizada a tinta branca tonalizada de preto. Toda a ação foi registrada com fotos e se tornou a intervenção mais permanente podendo ser vista até os dias de hoje no local onde foi executada.

As alunas Raíssa Soares e Layane Silva planejaram na primeira aula intervenções na grade que se encontra delimitando o lote vago em frente ao portão da escola. Inicialmente planejaram fazer mensagens escritas como “respeite nossos olhos” “não à poluição visual” por causa do lixo e entulho que estavam à vista no lote vago. Então eu pedi que elas levassem a questão para um lado mais artístico e estético, uma vez que o interesse das duas era passar uma mensagem para a população sobre o abandono da área. Então elas fizeram desenhos em seus cadernos e selecionaram um desenho colorido, abstrato e geométrico, com o intuito de transformar a cerca em um suporte para sua obra.

Na segunda aula, as alunas cortaram faixas de papel celofane coloridos e foram até à cerca instalá-los de acordo com seu planejamento prévio, eu ajudei na disposição dos mesmos que foram instalados com fita adesiva transparente. O resultado foi uma belíssima obra de arte urbana extremamente efêmera que durou em média 2 horas, quando o vento arrancou quase todas as faixas, as alunas ficaram muito entristecidas e choraram ao ver sua obra destruída, porém que já haviam sido registradas fotograficamente e isso as deixou confortadas, houve uma aula posterior sobre obras de arte efêmeras que as fizeram entender e naturalizar o processo de destruição das mesmas.

Generalizando os depoimentos dos alunos eles gostaram muito de realizar as intervenções e alguns já tinham ideias para novas intervenções, o que pude concluir que o projeto obteve um nível de satisfação muito bom.

As fotos a seguir foram selecionadas a partir dos registros fotográficos das intervenções urbanas que foram referenciadas a cima.

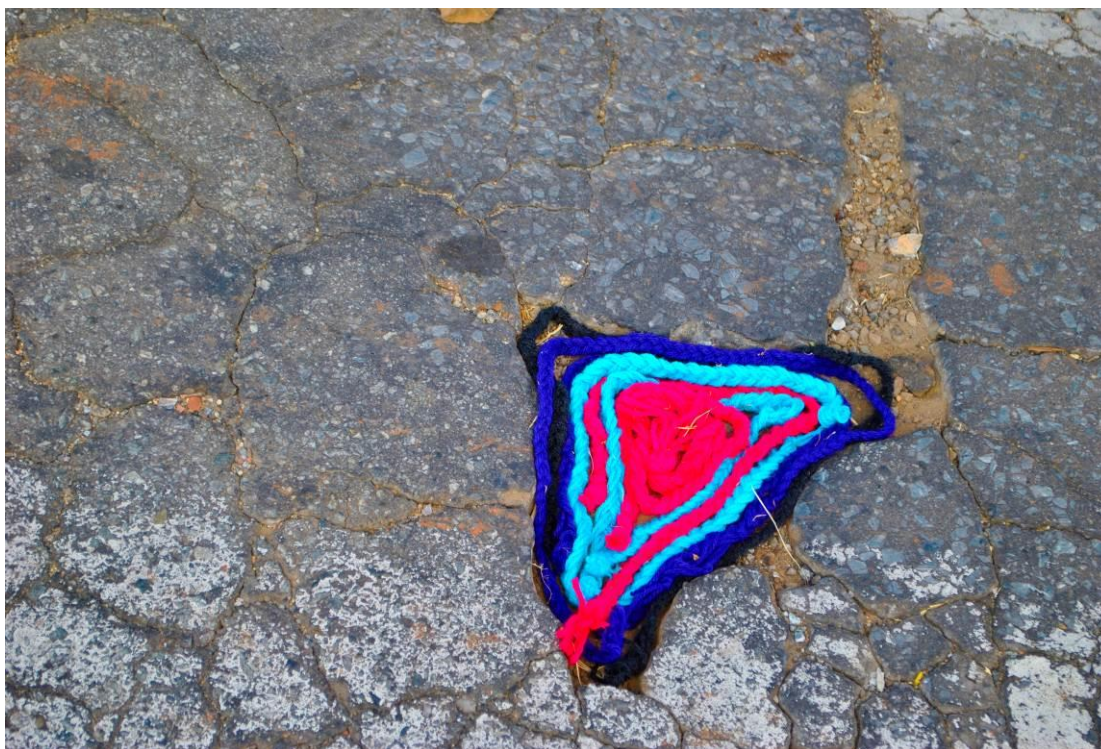


**Figura 1- Alunas "plantando" flores de papel em meio ao entulho de um lote vago próximo à escola. (Técnica: Interação urbana Material: papel de jornal sobre entulho de pedras)**





**Figura 2- Alunas na realização de uma intervenção feita em um buraco no chão da rua da escola. (Técnica: Intervenção urbana- Material: trama de lã sobre asfalto)**



**Figura 3- Intervenção concluída, foi utilizada lã trançada no preenchimento do buraco na rua da escola. (Técnica: Intervenção urbana- Material: trama de lã sobre asfalto)**



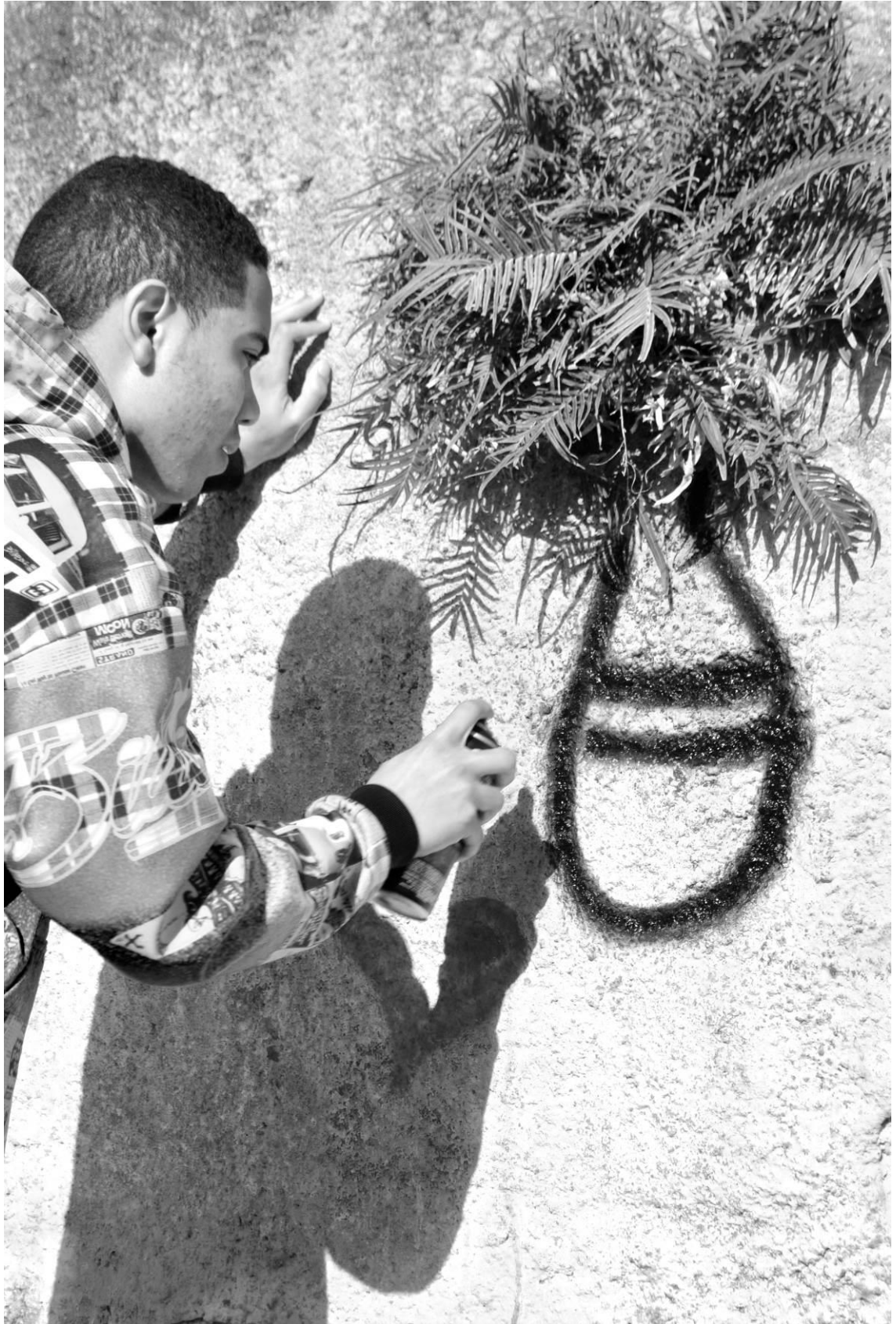


**Figura 4 - Alunos no processo de pintura de uma intervenção de "luz" em um beco escuro em frente à escola. (Técnica: Intervenção urbana- Material: tinta látex sobre muro)**



**Figura 5- Aluno finalizando intervenção de pintura na parede de um beco em frente à escola. (Técnica: Intervenção urbana- Material: tinta látex sobre muro)**

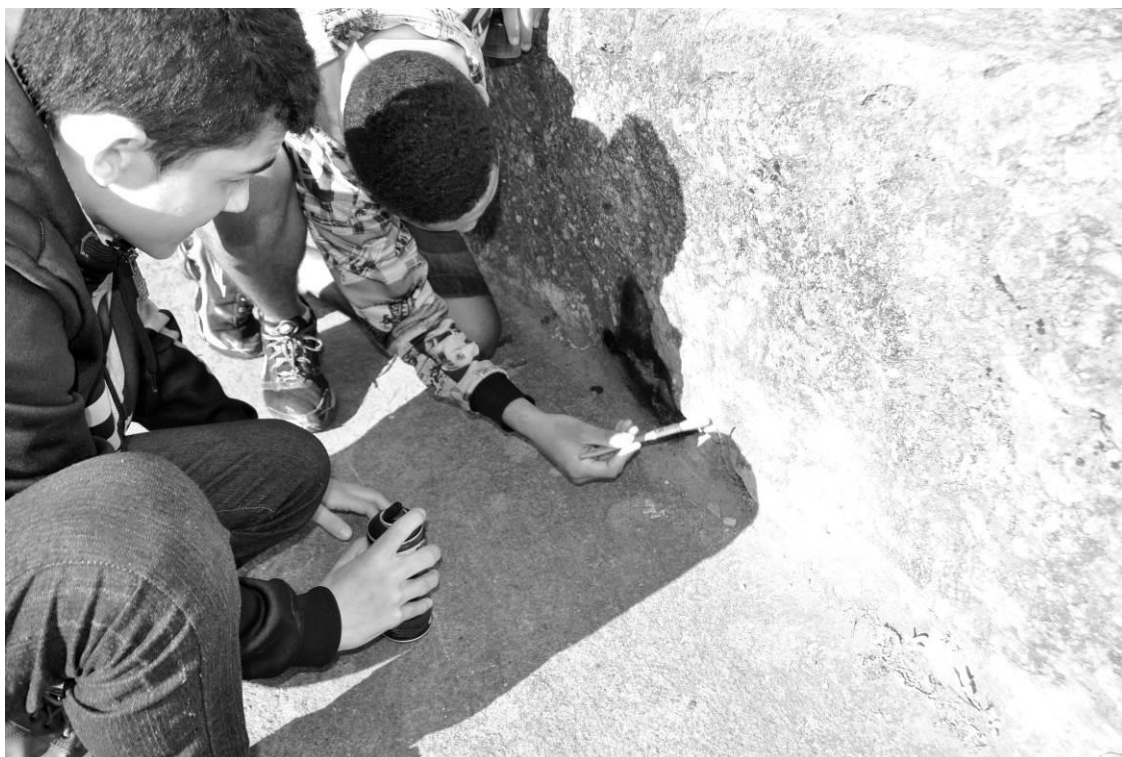




**Figura 6 – Aluno finalizando intervenção feita com spray "completando" um vaso no muro da escola, onde já havia uma planta. (Técnica: Intervenção urbana- Material: tinta spray sobre muro)**



**Figura 7 - Aluno finalizando intervenção no muro da escola "completando" uma forma de óculos no muro da escola. (Técnica: Intervenção urbana- Material: tinta spray sobre muro)**



**Figura 8 - Alunos finalizando intervenção no muro da escola, um rato feito a partir de um quebrado na parede. (Técnica: Intervenção urbana- Material: tinta spray sobre muro)**





**Figura 9 - Alunas no processo de criação da intervenção feita na grade de um lote vago em frente à escola. (Técnica: Intervenção urbana- Material: papel celofane sobre arame de grade)**



**Figura 10 - Intervenção com papel celofane em formatos de losangos concluída na grade em frente à escola. (Técnica: Intervenção urbana- Material: papel celofane sobre arame de grade)**





**Figura 11 - Alunas no processo de criação da intervenção artística, foto contemplando a Vila São José. (Técnica: Intervenção urbana- Material: papel celofane sobre arame de grade)**

Estas fotografias retratam uma série de intervenções artísticas criadas nos arredores da Escola Estadual Ursulina, localizada no bairro Jardim Alvorada como uma interação com o local/ espaço existente, numa tentativa de conscientizar as pessoas sobre uma condição atual que passa despercebida no cotidiano, a precariedade da periferia. Um beco sem luz, um lote vago totalmente tomado por entulhos, uma velha cerca, buracos no chão e na parede, todo esse cenário urbano considerado como “abandonado” foi intervencionado de maneira efêmera e artística, utilizando materiais simples como papel de revista, celofane, tinta e lã no propósito de saltar aos olhos, mesmo que por um momento, que “até no lixão nasce flor” como diriam os Racionais Mc’s, e que pequenas ações podem promover um olhar mais atento ao espaço urbano que nos cerca.

### Cap. 3 – Análise do estudo de caso: percepções

Percebe-se, muitas vezes, que os educandos têm uma noção de que a arte é algo distante, feito por gênios, relacionado ao belo e que se limita às linguagens tradicionais. Faz-se necessária uma reformulação acerca do que se ensina e se aprende sobre a arte a partir de uma visão atualizada do ensino. A este respeito, Efland (2005) p.177, retoma a visão modernista, esclarecendo-nos sobre o que a educação contemporânea se propõe. Segundo ele,

*“A arte, na visão modernista, é extremamente exclusiva. Apenas determinadas pessoas com habilidade artística estão autorizadas a serem chamadas de artistas; logo, apenas elas são capacitadas para produzir formas de arte altamente originais. [...] No pós-modernismo a linha entre arte-eruditas e não-eruditas desaparece. Formas de arte sérias deixam de ser concebidas de acordo com status privilegiado. Ambas se tornam disponíveis para a apreciação. [...] A arte-educação baseada numa definição pós-modernista está potencialmente conectada ao resto da vida.”* (EFLAND, 2005, p. 177)

O conhecimento e a valorização da cultura e da arte é algo que deve ser estimulado e construído numa dinâmica entre professor e estudante. Cabe ao professor a tarefa de tornar os conteúdos atraentes e significativos, apontando a relevância destes para a vida do estudante.

Toda a ideia desta pesquisa refere-se a encontrar metodologias atuais na área, de caráter mais aberto, que trabalham com decisões tomadas passo-a-passo em seus processos de desenvolvimento, incorporando o acaso em suas mudanças de trajetória, lidando com o tema específico como ele realmente é, efêmero, recriado, problemático, político, situacionista. O entendimento reflexivo e o contato com as poéticas contemporâneas podem despertar no educando, uma postura mais crítica, menos acomodada frente à arte e ao mundo. Hernández 2000 p. 22, entre outros teóricos, passa a reforçar a importância de discutir, pensar e trazer a cultura visual popular para dentro da escola.

A *arte urbana* está no contexto que esses estudantes vivem e muitas vezes é o primeiro contato de muitos deles com arte, isso demonstra que a arte faz parte do cotidiano das pessoas e não se encontra unicamente cercada pelas paredes de um museu ou galeria. Trata-se de uma arte atual, é algo que está acontecendo agora e que ainda é as vezes incompreendida. A *arte urbana* lida com a precariedade, da cidade, do espaço urbano, dos materiais, dos temas, da vida. Ela ajuda a compreender o contexto econômico e social de uma região, de um local.

Quando a aula de arte-educação com o tema: intervenção urbana se inicia, usa-se como base para sustentar as questões alguns teóricos que cito neste trabalho. Por exemplo, em relação à questão da transformação da cidade, tem-se como sustento Giulio Carlo Argan que enfatiza a questão da anti estagnação da cidade, para não se tornar obsoleta e por tanto anti-histórica. Que é reforçado por Kevin Lynch

*“A cidade não é apenas um objeto percebido (e talvez desfrutado) por milhões de pessoas de classes sociais e características extremamente diversas, mas também o produto de muitos construtores que, por razões próprias, nunca deixam de modificar sua estrutura. Se, em linhas gerais, ela pode ser estável por algum tempo, por outro lado está sempre se modificando nos detalhes. Só um controle parcial pode ser exercido sobre seu crescimento e sua forma. Não há resultado final, mas apenas uma contínua sucessão de fases”.* (LYNCH, 1999, p. 2).

Pretende-se que o estudante conclua que a relação entre a intervenção urbana e o espaço urbano não seja apenas de justaposição e nem somente de inserção neste de objetos decorativos, pois nota-se as transformações no urbano, pois são iniciativas de consequências e efeitos complexos.

Sobre a importância de se ter essa questão, da intervenção urbana, dentre os tópicos a serem explorado nas aulas de Arte, Stewart Home reforça a questão quando afirma que *“a despeito de todas as propostas vanguardistas do século passado, segue existindo propiciando a visão da arte urbana como objeto de estudo e prática presente em nossas vidas”* (HOME, 2005, p.66). E ainda a autora Vera Pallamin ressalta a importância da *arte urbana* até mesmo citando-a como

uma prática social uma vez que “As obras permitem a apreensão de relações e modos diferenciais de apropriação do espaço urbano, envolvendo em propósitos estéticos, os significados sociais e um modo de tematização cultural e política”.

E quando Walter Benjamin que em seu artigo clássico "A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica" cita o fim da “aura” que ao meu ver, liberaria a arte para novas possibilidades, tornando o seu acesso mais democrático, e penso que isso disponibiliza a arte de maneira mais clara à todos, viabilizando as questões da *arte urbana* até mesmo por ser o suporte de mais fácil acesso aos artistas e ao público, que presencia a obra muitas vezes até mesmo sem conecta-la com a questão artística que a acerca. E por isso a importância de se “treinar” o olhar dos estudantes, para que eles saiam do campo da ignorância visual e contemplem as imagens produzidas por artistas urbanos de maneira consciente e ativa. Marilena Chauí que integra a noção de cultura cita “ a maneira pela qual os humanos se humanizam por meio de práticas que criam a existência social, política, intelectual, artística...” Então desenvolvendo o senso estético desses adolescentes desagua na contribuição do desenvolvimento cultural artístico da cidade.

Os alunos oportunizados de possuírem uma “carga” visual, se tornam mais atentos às questões visuais da cidade, suas transformações e situações. Onde podem inclusive se tornar artistas urbanos. Reforçando a questão Miranda, 2001, p.18, crítica a questão onde “os estudantes esvaziados de atitudes críticas formadora de um olhar alienado da realidade”. Os alunos criam uma outra relação com a cidade, ou uma outra maneira de entender a cidade, a partir da arte eles podem se apropriar da cidade e dos espaços urbanos como uma forma de registro, um documento da sua experiência humana.

O espaço público está tomado por um universo de imagens, tipografias, e mensagens visuais de toda ordem, produzidas por pessoas, as quais compõem o que denominamos de *arte urbana*, intervenção urbana, intervenção artística, grafiteagem, pichação, e, mais recentemente, algumas dessas manifestações, encaixam-se no conceito de pós-grafitti.



Ao tratar-se do graffiti e do pós-graffiti<sup>1</sup> nas aulas, que destacamos como manifestação que tem grande visibilidade no cenário urbano, implica trabalhar com uma questão complexa no que se refere à visão da sociedade e a valorização dessa modalidade expressiva na questão artístico-cultural.

A educação para a compreensão crítica visa também a educação para a cidadania. E com essa educação voltada a decifrar a leitura dos códigos artísticos urbanos isso se volta à apropriação segura dos recursos culturais existentes em seus loci urbanos.

A educação contemporânea exige uma abordagem atenta e abrangente à realidade circundante a vida, valorizando a diversidade que caracteriza o viver atual, ligando a isso um compromisso maior com a cultura popular, a cultura de massa, a estética do cotidiano, a cultura local da escola e da comunidade. A visão multiculturalista do ensino tem o compromisso com a valorização da diferença e o respeito entre diferentes culturas.

---

<sup>1</sup> Pós graffiti ou Street Art é um conceito recente, e ainda bastante em aberto. Trata-se de intervenções feitas na cidade, principalmente à base de stickers, stencils, posters ou até através da colagem de azulejos. São técnicas e suportes que abrem várias possibilidades. Para alguns é a extensão do graffiti tradicional, já para outros, oriundos de áreas como o design ou a ilustração o Pós graffiti têm pouca ligação ao graffiti tradicional. A fronteira entre o graffiti "tradicional" e a street art acaba por ser bastante tênue. (BREVE GLOSSÁRIO DA CULTURA DO GRAFITTI, 2008. Disponível em: <http://www.artgraffiti.net>)

## Considerações finais

Neste trabalho percebeu-se que a *arte urbana* quando inserida adequadamente na arte-educação é uma área do conhecimento importante aos estudantes, e que desenvolver o olhar crítico ao ambiente que os rodeia pode tornar-se algo de fundamental relevância.

Apesar de isso ser comprovado através dos autores que deram fundamentação ao presente trabalho, além de tantos outros que escreveram a esse respeito, não é dada a devida importância ao tema. Essa abordagem acaba não se concretizando devido a falta de capacitação dos professores para o ensino do tema na arte-educação. Outro aspecto é a imposição do currículo, o qual, apesar de ser constantemente atualizado, não contempla amplamente a *arte urbana* com o seu grau de importância.

A inquietação para a escolha do tema desta monografia, foi a vivência comprovada de que quando os alunos são oportunizados de terem seus olhares treinados, se tornam mais atentos às questões visuais da cidade, suas transformações e situações. Podendo entender, eles podem inclusive se tornar artistas urbanos como foi demonstrado no decorrer deste trabalho. Além disso, a quebra do limite tradicionalista de se ver a arte, possibilita ao estudante a visão verticalizada no estudo da obra, iniciando com isso um novo processo de compreensão no qual se encurta a distância entre a obra e espectador, tornando o objeto de estudo mais próximo ao discente.

## Referências Bibliográficas

HERNÁNDEZ, Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho. Porto Alegre: Artmed, 2000.

EFLAND, Arthur D. Cultura, Sociedade, Arte e Educação num mundo Pós-Moderno. In: GUINSBURG, J; BARBOSA, Ana Mae (Orgs.). O Pós-Modernismo. São Paulo: Perspectiva, 2005.

LYNCH, Kevin. A imagem de cidade. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 2ª edição: Martins Fontes, São Paulo, 1999

CHAUÍ, Marilena. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1995.

ARGAN, Giulio Carlo. História da Arte como História da Cidade. Tradução de Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MIRANDA, Carlos Eduardo Albuquerque.

[http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n9/4\\_fazer\\_cinema\\_na\\_educacao\\_39\\_a\\_52.pdf](http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n9/4_fazer_cinema_na_educacao_39_a_52.pdf) acesso em 10 de setembro de 2015.